

Relato Crítico:

Exposição Lina Bo Bardi – SESC Pompéia

Poderíamos dizer que a exposição é dividida em três grandes partes: a primeira sala que guarda os documentos, rascunhos e reflexões da Lina sobre a revitalização do Solar do Unhão (na Bahia), a segunda sala, que se dedica a resguardar a documentação do projeto do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e a terceira e última grande sala que contém todo o processo de revitalização e criação do Sesc Pompeia. (Tendo em vista também que em cada sala há a exposição de um curto documentário de vinte minutos sobre os respectivos projetos).

Fora essas três salas, há também uma salinha dedicada a arte gráfica da arquiteta mas que dá a impressão de não ser algo central (se tratando de uma essência lógica da exposição), por estar num local com uma espacialidade menos destacada. Não sei se é por conta de que não havia de fato muito espaço para tanto material expositivo ou não, mas é essa a sensação que me deu. Fora dessas salinhas, existem painéis contextualizando cada projeto arquitetônico, sendo que no painel da entrada também há um espaço dedicado para dizer quem foi Lina Bo Bardi. No entanto, os painéis não chamam a atenção do público, tendo eu mesma dedicado só uma rápida olhada e entrado nas salas.

Cada salinha era um universo à parte, no primeiro momento que a pessoa entra, já dá de cara com uma parede cheia de pequenas frases reflexivas da Lina à respeito de sua posição artística, política, suas considerações pessoais sobre o país e os seus anseios em cada um dos projetos. Creio aí residir o grande potencial poético e deveras expositivo de cada salinha pois a estrutura frásica tem sua limitação expressiva e por conta disso, cada frase condensava muito sobre o pensamento artístico-pessoal da Lina Bardi, então ao mesmo tempo que funcionava em termos expositivos, por serem pequenos excertos que você poderia ler rapidamente – evitando assim qualquer tipo de preguiça – e muito embora a real compreensão do conteúdo de cada frase levasse um tempo maior de maturação, era mais fácil entrar em estado reflexivo (muitas vezes, quando me dava conta, já estava num estado de reflexão para entender a frase), por conta dessa pretensa rapidez que você poderia armazenar a informação. Nessa primeira salinha dentre muitas outras reflexões, haviam muitas considerações sobre o nordeste brasileiro onde Lina se posicionava com uma forte postura pró-nordeste e pró cultura nordestina, num desejo que essa cultura fosse devidamente valorizada, que saísse de um estatuto de folclore e entrasse no estatuto de arte popular, que houvesse essa percepção de como ela é autônoma e como ela precisa que haja essa apropriação do povo brasileiro da sua própria cultura de base, longe de toda aquela exportação cultural por séculos cultivado pela influência do colonialismo. Pra além disso, que a classe intelectual e artística abolisse o caráter interesseiro e mesquinho que a arte estava ganhando no Brasil por conta do personalismo político, pela imprensa direcionada aos interesses de poderosos que em nada refletiam a essa pulsão cultural brasileira que estava sendo sufocada por tais medidas. Na sala também tinham vários documentos, esboços do projeto arquitetônico do Solar do Unhão, do projeto do Teatro Castro Alves (também na Bahia), e mais dúzias de considerações artísticas sobre a arte moderna, e a cultura nordestina que foi de grande importância pra trajetória artística de Lina, como ela bem pontua num

trecho de carta *“Importante na minha vida foi a viagem ao Nordeste e o trabalho que eu desenvolvi em todo o Polígono das Secas. Aí eu vi a liberdade. A não importância da beleza, da proporção, dessas coisas, mas a de um outro sentido profundo, que eu aprendi com a arquitetura, especialmente a arquitetura dos fortes, ou primitivas, populares, em todo o nordeste do Brasil”*. A arquitetura pobre, como ela mesmo nomeou pouco tempo depois, essa arquitetura dos fortes que veio do agreste nordestino e da simplicidade e autenticidade da cultura nordestina, marcadamente influenciou o seu próximo e notável projeto arquitetônico, o Museu de Artes de São Paulo, como podia ser visto ao entrar na segunda sala, dedicada somente à essa construção. Indo para segunda sala, há uma maior tendência para as reflexões artísticas, de questionamento às vanguardas, à crise arquitetônica que estava sendo vivenciada naquele momento por toda a Europa, América do Norte e conseqüentemente pelo Brasil também. Entre esboços da construção, e todos os documentos de tramites burocráticos para que o museu “saísse do papel”, também podiam ser vistos esboços que se dedicavam à visualização do “Circo Piolin” no tão conhecido vão do MASP e que me foi uma das coisas que mais me emocionaram na exposição, pois era perceptível que o esboço do circo não se destinava só à uma questão geométrica-espacial para entender como a construção deveria ser feita, mas também pra poder compreender e sentir o que seria aquele espaço, um espaço que a arquiteta notadamente queria que fosse pro povo, que atendesse as demandas culturais do mesmo, que pudesse ser um espaço de convivência, integração com a arte (que estaria no museu), o grande enfoque que ela deu ao povo, que aquele espaço fosse de uma matéria e modo mais simples do que as construções da época, pois o que ela desejava é que o povo fizesse o seu próprio espaço, o floreio e a maestria delegada em favor à uma real apropriação da população daquele espaço.

E essa é uma questão que vai ser amplamente sentida na terceira sala, que foi dedicada à revitalização da fábrica de tambores da Pompéia para que virasse um centro cultural. De todas as salas a que mais me agradou, sem dúvida, foi essa. Nela estava toda concentrada uma delicadeza, uma sensibilidade ímpar da artista...a sua grande preocupação com a coletividade, de criar um espaço que mantesse o que ela dizia que era característico do brasileiro: esse prazer, essa alegria de estar junto...de dividir, cantar e dançar. Pra além de toda a pesquisa estética dela e do quanto ela quis preservar o ambiente fabril (que detinha antigas estruturas arquitetônicas), o que mais me tocou foi ver cada esboço de cada canto, até mesmo esboço do design das camisetas que seriam usadas pelas crianças no centro poli-esportivo, o quanto ela estava sensível todas as demandas, visualizando a dinâmica de cada espaço, como aqui ou ali poderia ser mais proveitoso e como a pesquisa dela não foi algo pronto, imposto...ela teve a sensibilidade e sensatez de investigar as demandas, de observar a interação social entre as pessoas, para aí sim propor uma revitalização para o que no futuro seria o SESC Pompéia.

Para finalizar, um obstáculo que eu senti muito fortemente é não me sentir possuindo uma bagagem teórica, técnica o suficiente para entender algumas relações arquitetônicas e estéticas, sem contar que a quarta salinha (a do design gráfico), eu não consegui entrar porque a exposição havia encerrado as suas atividades.

Nome: Catherine Aparecida Oliveira Maia

N.USP: 7611780 / Período: Noturno

